**CAPÍTULO 01**

**TELEMEDICINA E COVID-19: OS IMPACTOS NA RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE**

**Rafaela de Andrade Santos¹**

**Ariany Parreira de Mendonça1**

**Maria Eduarda Costa Naves1**

**Nathalia Antunes Silva1**

**Paula Palhares de Resende1**

**Samara Dahas Bittar Freitas1**

**Thayna Pereira Beirigo1**

**Roberta Ribeiro Souto2**

1 Discente do curso de Medicina no Centro Universitário IMEPAC, Araguari – MG.

2 Docente do curso de Medicina no Centro Universitário IMEPAC, Araguari – MG.

**CAPÍTULO 01**

**TELEMEDICINA E COVID-19: OS IMPACTOS NA RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE**

Rafaela de Andrade Santos1, Ariany Parreira de Mendonça1, Maria Eduarda Costa Naves1, Nathalia Antunes Silva1, Paula Palhares de Resende1, Samara Dahas Bittar Freitas1, Thayna Pereira Beirigo1, Roberta Ribeiro Souto2.

1 Discente do curso de Medicina no Centro Universitário IMEPAC, Araguari – MG.

2 Docente do curso de Medicina no Centro Universitário IMEPAC, Araguari – MG.

**RESUMO**

A pandemia de COVID-19 trouxe novos desafios à interação médico-paciente, entre eles o uso de sistemas de comunicação e a telemedicina. Nesse contexto, a telemedicina viabilizou o acesso seguro aos serviços, diminuindo as aglomerações nas instituições de saúde. Assim, o objetivo deste estudo é compreender os impactos do uso da telemedicina na relação médico-paciente no contexto da pandemia de COVID-19. Para isso, foi realizada uma revisão narrativa da literatura nas bases de dados Scielo, LILACS, BVS, PubMed e Google Acadêmico. Como resultado, observou-se que pandemia pelo COVID-19 mudou grande parte da regulamentação da telemedicina, fazendo com que suas barreiras fossem reduzidas, possibilitando seu uso em grande escala. Além disso, foi evidenciado os benefícios e malefícios da telemedicina, incluindo as implicações na relação médico paciente. Sendo assim, estamos diante de um novo horizonte da prática médica com implicações éticas, profissionais e econômicas, com um grande potencial de ampliar o acesso aos serviços de saúde.

*Palavras-chave: Telemedicina; COVID-19; Relação Médico-Paciente.*

**1. INTRODUÇÃO**

A pandemia de COVID-19 trouxe novos desafios à interação médico-paciente, entre eles o uso de sistemas de comunicação e a telemedicina. De acordo com Flodgren *et al.* (2015) a telemedicina consiste no uso de sistemas de telecomunicações para prestar cuidados de saúde à distância, o que possibilita melhorar os resultados do paciente, o acesso aos cuidados e reduzir os custos de saúde. Somado a isso, McDougall *et al.* (2017) complementam o conceito quando dizem que é responsável por oferecer assistência médica ao paciente, saúde pública e educação em saúde usando as tecnologias de telecomunicações.

Hasani *et al.* (2020) relatam que a pandemia de COVID-19 modificou a forma de como os serviços de saúde são oferecidos em todo o mundo. Nesse viés, a telemedicina surgiu como uma alternativa tecnológica para levar atendimento aos pacientes no contexto do distanciamento social.

A Resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) nº 1643/2002 define e regulamenta as atividades em telemedicina para assistência, educação e pesquisa em saúde. Em seguida, essa Resolução foi revogada e substituída pela de nº 2227/2018, a qual permitiu o uso da telemedicina no território nacional e organizou melhor os aspectos dessa prática. Por fim, através da Resolução do CFM nº 2228/2019, foi revogada a Resolução nº 2227/2018 e reestabelecida a de nº 1643/2002.

No ano de 2020, pela Lei nº 13.989/20, a telemedicina foi sancionada em caráter emergencial. Segundo esta Lei, a prática definida como “o exercício da medicina mediado por tecnologias para fins de assistência, pesquisa, prevenção de doenças e lesões e promoção de saúde” fica liberada no país temporariamente, apenas durante a pandemia (CFM, 2020).

Nesse contexto, a telemedicina viabilizou o acesso seguro aos serviços, diminuindo as aglomerações nas instituições de saúde. Além disso, foi possível ofertar a continuidade dos atendimentos já existentes, sem a exposição do paciente a locais contaminados (DE BRITO MEDEIROS 2020 *apud* Holstead & Robinson, 2020; Wang *et al.*, 2020).

No entanto, Gomez *et al.* (2021) mostram que diversos estudos recentes abordam os desafios dos médicos em implementar a telemedicina rapidamente, como resposta à pandemia e ressaltam as barreiras ao acesso do paciente a esse serviço, como o impacto na relação médico-paciente, e a perda de conexões pessoais.

O objetivo deste estudo é realizar uma revisão narrativa da literatura para compreender os impactos do uso da telemedicina na relação médico-paciente no contexto da pandemia de COVID-19. Além disso, buscou analisar as barreiras e os benefícios da implementação da telessaúde.

**2. MÉTODO**

Foi realizada uma revisão de literatura nas bases de dados Scielo, LILACS, BVS, PubMed e Google Acadêmico, buscando analisar os impactos da telemedicina na relação médico-paciente, no contexto da pandemia de COVID-19. Foram encontrados 1.165 artigos utilizando os descritores “Telemedicine”, “COVID-19” e “Physician-Patient Relations” no período de 2015 a 2021, resultando em 930 documentos. Desses, foram excluídos os artigos que apareceram em duplicata, aqueles que não possuíam relação com o tema escolhido e aqueles que não estavam acessíveis. Finalmente, a busca resultou em 13 artigos.

**3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Conforme definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a telemedicina é a “prestação de serviços de saúde, onde os pacientes e os provedores são separados por uma distância” (DI TRANA *et al.*, 2021 apud WHO, 2021). O uso dessa ferramenta engloba várias tecnologias: ligação por voz, consultas por vídeo chamada e interações habilitadas por aplicativos móveis (Silver *et al.,* 2021).

Hammersley et al. (2019, *apud* IMISON *et al*., 2016) referem que o uso dessas tecnologias de comunicação é fundamental para a vida contemporânea, mas não são usadas rotineiramente para a comunicação entre o médico e o paciente. No entanto, Gomez *et al.* (2021) ressaltam que a pandemia pelo COVID-19 mudou grande parte da regulamentação da telemedicina, fazendo com que suas barreiras fossem reduzidas, possibilitando seu uso em grande escala. Silver *et al.* (2021) complementam essa ideia ao alegar que, a partir de março de 2020, a tecnologia ganhou mais espaço e visibilidade na assistência à saúde.

Com esses avanços, Flodgren *et al.* (2015) relatam que é importante entender o impacto que pode ter nos pacientes, profissionais de saúde e na organização do atendimento. Quispe e Udai (2020 *apud* CHAET *et al.,* 2017)reconhecem que a telemedicina tem potencial significativo para beneficiar os pacientes, mas ressalta que ela também apresenta desafios. Os mesmos autores complementam que seu uso pode criar novos riscos para a qualidade, segurança e continuidade do cuidado em saúde.

Em consonância, Gomez *et al.* (2021) mostram que muitos profissionais observaram que a telemedicina não era acessível a todos os pacientes. De acordo com eles, algumas pessoas não conseguem utilizar smartphones para realizar as consultas, principalmente os idosos.

Silver *et al.* (2021) ressaltam que outro ponto negativo dos atendimentos de telemedicina é que poucos médicos recebem treinamento adequado para utilizar a tecnologia e interagir com os pacientes. Segundo van Tubergen *et al.* (2021), as questões técnicas também desempenham um papel importante na condução de uma conversa tranquila com o paciente.

Outra barreira da telemedicina foi percebida no estudo de Hasani *et al*. (2020), que consiste na limitação quanto ao exame físico. No entanto, Lee *et al.* (2021) relatam que existem ocasiões em que não é necessário realizar o exame físico, principalmente naquelas especialidades médicas que dependem da história clínica.

Por outro lado, Gomez *et al.* (2021), relatam que vários médicos perceberam que a falta do exame físico pode resultar na perda de conexões pessoais, pois o exame físico e o toque são vistos como as principais interações entre médico-paciente. Kelly e Gormley (2020) complementam a ideia ao dizer que o toque conecta médicos e pacientes física e emocionalmente como seres humanos, formando um vínculo primordial.

A relação médico-paciente é um dos pilares da prática médica e essa interação é de suma importância para estabelecer vínculo e confiança entre as partes (MEDEIROS *et al.*, 2020 *apud* HINKLEY *et al.*, 2020; CHAET *et al.*, 2017). Nesse aspecto, Lee *et al.* (2021) referem que os comportamentos não verbais são essenciais, no entanto, durante os atendimentos virtuais tanto o médico quanto o paciente se distanciam, fazendo com que essa identificação seja prejudicada.

Em contrapartida, Gomez *et al.* (2021) afirmam que para os médicos a telemedicina aumenta o acesso do paciente à saúde e diminui a taxa de não comparecimento, pois o indivíduo não precisa se deslocar. Além disso, os profissionais conseguem conversar com os membros da família e analisar o ambiente em que eles residem, o que permite avaliar os potenciais riscos à segurança, além de entender o sistema de apoio doméstico do paciente. Aplicada aos pacientes críticos, a telemedicina reduz o tempo de permanência na UTI, aumentando a disponibilidade de leitos, e reduz a mortalidade hospitalar (ROCHA DE MACEDO, 2021).

**4. CONCLUSÃO**

A partir dos artigos analisados fica evidente que a telemedicina é um tema novo e ainda contraditório, de tal maneira que exige do médico uma nova forma de se relacionar com seu paciente. É importante ressaltar que esse serviço apresenta algumas potencialidades, como a interação do profissional com o paciente e sua família, além de possibilitar o acesso, ainda que virtual, ao seu ambiente de vida. Entretanto, a telemedicina apresenta uma limitação relevante em relação ao exame físico, com exceção da ectoscopia e do exame visual, embora essa barreira possa ser em pouco tempo superada.

Estamos, portanto, diante de um novo horizonte da prática médica com implicações éticas, profissionais e econômicas, com um grande potencial de ampliar o acesso aos serviços de saúde, criar um novo e aquecido mercado que poderá se valer do crescimento de tudo aquilo que decorre da internet.

**5. REFERÊNCIAS**

BOS, W.H. *et al.* Telemedicine for patients with rheumatic and musculoskeletal diseases during the COVID-19 pandemic; a positive experience in the Netherlands. Rheumatology International, v. 41, n. 3, p. 565–573, 2021.

CFM. CFM publicará nova resolução para regulamentar telemedicina. Portal CFM, 2020. Disponível em: <https://portal.cfm.org.br/noticias/cfm-publicara-nova-resolucao-para-regulamentar-telemedicina/>. Acesso em: 18 mai 2021.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução nº 1.643/2002. Define a disciplina e a prestação de serviços através da Telemedicina. Brasília: Diário Oficial da União, 2002. Disponível em: https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Resolucao-CFM-1643-2002-08-07.pdf Acesso em: 07 jun 2021.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução nº 2.227/2018. Define e disciplina a telemedicina como forma de prestação de serviços médicos mediados por tecnologias. Brasília: Diário Oficial da União, 2018. Disponível em: https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/2694/resolucao-cfm-n-2.227 Acesso em: 07 jun 2021.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução nº 2.228/2019. Revoga a Resolução CFM nº 2.227 e restabelece a vigência da Resolução CFM nº 1.643/2002. Brasília: Diário Oficial da União, 2019. Disponível em: https://portal.cfm.org.br/images/PDF/resolucao222718.pdf Acesso em: 07 jun 2021.

DI TRANA, A. *et al.* Commentary: Tele-COVID-19: does it improve the provision of health services? Review for Medical and Pharmacological Sciences, v. 25, p. 2152–2153, 2020.

FLODGREN, G. *et al.* Interactive telemedicine: Effects on professional practice and health care outcomes. Cochrane Database of Systematic Reviews. John Wiley and Sons Ltd., 2015.

GOMEZ, T. *et al.* A Qualitative Study of Primary Care Physicians’ Experiences with Telemedicine during COVID-19. Journal of the American Board of Family Medicine, v. 34, p. S61–S70, 2021.

HAMMERSLEY, V. *et al.* Comparing the content and quality of video, telephone, and face-to-face consultations: A non-randomised, quasi-experimental, exploratory study in UK primary care. British Journal of General Practice, v. 69, n. 686, p. E595–E604, 2019.

HASANI, S.A.L. *et al.* The Use of Telephone Consultation in Primary Health Care During COVID-19 Pandemic, Oman: Perceptions from Physicians. Journal of Primary Care and Community Health, v. 11, 2020.

KELLY, M.A.; GORMLEY, G.J. In, but out of touch: Connecting with patients during the virtual visit. Annals of Family Medicine, v. 18, n. 5, p. 461–462, 1 set. 2020.

LEE, P.S. *et. al*. The value of physical examination in the era of telemedicine. Journal of the Royal College of Physicians of Edinburgh, v. 51, p. 85-90, 2021.

MEDEIROS, A.M.B. *et al.* Os desafios da telemedicina frente a relação médico – paciente em tempos de Covid -19. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 10, p. e9219109379, 2020.

QUISPE-JULI, C. U. Consideraciones éticas para la práctica de la telemedicina en el Perú: desafíos en los tiempos del covid-19. *Scielo (pre-print)*, v. 1, n. 1, 2020.

ROCHA DE MACEDO, B. *et al.* Implementation of Tele-ICU during the COVID-19 pandemic. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, v. 47, n. 2, 2021.

SILVER, S. L., *et al*. A Stepwise Transition to Telemedicine in Response to COVID-19. *Journal of the American Board of Family Medicine*, v. 34, p. S152–S161, 2021.